

## Em relação com a individuação

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Para aqueles que não tiveram o privilégio de ter aulas com o Dr. Sandor, estamos transcrevendo trechos de uma aula gravada em 1987. A linguagem é coloquial, informal.

Dr. Sandor nunca permitiu que suas aulas fossem gravadas, com exceção destas de 1987, pois temia a distorção ou uso indevido de suas palavras. Além do mais, tinha este cuidado pois sabia que tudo que era partilhado em aula deveria ser vivido e experienciado.

Escolhemos um trecho que fala sobre individuação, relacionando-a com o trabalho corporal.

*“Jung sempre aponta que não existe meio para interferir no conseguimento do processo de individuação. Isto é, nós não podemos dizer para alguém: ‘você faz terapia comigo e vamos começar o teu processo de individuação’. Isto é uma farsa, papo furado, isto não é verdade. Também não posso dizer para ninguém: ‘então eu vou acelerar o teu processo de individuação’, porque isto é um processo independente tanto do paciente como do terapeuta. O processo de individuação tem o seu trajeto, porém, naturalmente, o paciente pode atrapalhar, pode tentar impedir. E, nesse caso, podem ocorrer aquelas atrapalhões que tanto na parte mental, parte emotiva, parte perceptiva e parte somática e, no fim, funcional, fisiológica e biológica, podem criar emaranhamentos.*

*Agora, o que nós podemos fazer em prol da individuação perturbada? Na medida em que a pessoa não atende de modo adequado, criará para si mesma, não como castigo, não como punição, criará para si mesma outros secundários emaranhamentos, dificuldades, tropeços, porque o processo está andando e, nesse caso, podemos aplicar certamente técnicas corpóreas junto com as técnicas verbais, das mais diversas formas, que poderão, em parte, fazer aquela faxina na área dos sentimentos, das percepções e das confusões cognitivas, que permitirá que o Self tome conta, de modo mais patente, do Eu, e possa encaminhar e atrair e*

*conduzir mais seguramente nesse trajeto que Jung chama de individuação e uma integração.*

*Aqui teremos que fazer uma pequena excursão em relação com o desenvolvimento do corpo. Sabemos que o corpo desenvolve-se em termos craniocaudais, isto é, cabeça, tronco e depois extremidades. Então, do ponto de vista do sustento do corpo ereto, além da posição central da cabeça, o importante é o tronco. Dizem que originalmente o corpo era de forma ovoide e, mais tarde, apareceram, brotaram os braços, e brotaram as pernas. Essa ideia levou então a perceber o seguinte: que quando alguém está emaranhado no seu processo, que pode ser chamado também a indiferenciação do campo consciente, podemos dizer fascínio e emaranhamento em dinamismos inconscientes, ou circulação do energetismo psíquico perturbada, ou tropeços do caminho da individuação – essas quatro coisas significam a mesma coisa – então, nesse caso, se queremos ajudar a pessoa a se desemaranhar, temos sempre que trabalhar com a coluna. Colocar alguém em ordem sem trabalhar com a coluna, o trabalho fica só meio trabalho. Por isso, é importante na Calatonia, o fato de que lá trabalhamos tanto com uma parte das extremidades, como também com o tronco e com a coluna. Às vezes os pacientes perceberam sem que a gente toque a coluna, só durante a Calatonia – ‘cram, cram cram’ — começou a acertar-se a coluna, pequenos desvios que incomodaram a pessoa, ou visceralmente, ou psiquicamente, ou quanto à sua postura segura, etc., entraram de novo no eixo.*

*Agora, o meu conselho seria: se queremos ajudar a desemaranhar o trajeto da individuação perturbado, temos que recorrer a um procedimento suave. Mas, se o desencontro interno, criando desencontros externos, já alterava a postura do paciente, naquela chamada leitura do corpo notamos desvios posturais, nesse caso, como preparo, como preâmbulo, temos que utilizar métodos não tão suaves, simplesmente para mobilizar e desenganchar, vamos dizer assim, as diversas partes do corpo ilegitimamente endurecidas, não paralisadas, mas desorganizadas. De nossa parte temos procedimentos mobilizadores, além de processos suaves. Processos muito intensos só empregamos quando certas áreas do corpo necessitam uma soltura maior.”*

Neste ponto da aula o Dr. Sandor começa com os trabalhos práticos, demonstrando trabalhos corporais na coluna, colhendo depoimentos das alunas e fazendo os devidos comentários.

Uma aluna, nos seus comentários após o trabalho corporal, disse que se sentiu num vácuo. Comentário do Dr. Sandor:

*“Imaginem uma pessoa que entra nesse vácuo e fica com medo se não está adequadamente preparada; mas a pessoa já de certo modo preparada livra-*

*se de uma porção de emaranhamentos internos, que a gente chama complexos, que a gente chama conflitos, etc. Fica desatada, depois reata-se de novo, mas não da forma como estava anteriormente.”*

Dr. Sandor sempre enfatizou que o trabalho corporal tem uma característica básica de afrouxamento das tensões e reorganização das energias fisiopsíquicas. O trabalho corporal atua também sobre a consciência, que cede seu controle às forças naturais – forças que vitalizam e reorganizam o corpo – conformando-se às características genuínas e individuais próprias. Este é um processo de dissolução gradual de padrões fisiopsíquicos e, por isso, exige uma certa regularidade na sua aplicação para que os conseguintes tenham efetividade.

-----